

# VIVÊNCIAS AMOROSAS EM ADOLESCENTES: DAS DINÂMICAS ABUSIVAS ÀS CONSEQUÊNCIAS NO SEU (DES)AJUSTAMENTO PSICOSSOCIAL

## INTIMATE EXPERIENCES IN ADOLESCENTS: THE ABUSIVE DYNAMICS TO THE CONSEQUENCES FOR THEIR PSYCHOSOCIAL (MAL)ADJUSTMENT

Maria Rosa da Rocha Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Sónia Maria Martins Caridade<sup>2</sup>

PSIQUE • e-ISSN 1647-2284 • VOLUME XIII • JANUARY JANEIRO - DECEMBER DEZEMBRO 2017 • PP. 18-39

Submitted on February 6th, 2016 | Accepted on October 12th, 2016  
Submetido em 6 de Fevereiro, 2016 | Aceite em 12 de Outubro, 2016

### Resumo

É sabido que a violência nas relações de namoro acarreta, não raras vezes, consequências muito nefastas para o ajustamento psicossocial dos jovens a diferentes níveis. O presente estudo visa conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes e analisar em que medida estas influenciam o seu ajustamento psicossocial. Para tal, foi administrado o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA), construído para o efeito. A amostra foi constituída por 196 estudantes, a grande maioria (63.3%) do sexo masculino, cuja média de idades era de 16 anos ( $DP = 1.58$ ) e que admitiram estar envolvidos em relações amorosas atuais e/ou passadas. Os principais resultados obtidos apontam para uma predominância da violência psicológica, não se registando diferenças estatisticamente significativas quanto ao género, idade, ano de escolaridade e áreas de estudo. Os adolescentes vítimas verbalizaram não procurar ajuda e os poucos (3) que o fizeram optaram por recorrer a ajuda informal. As raparigas relataram mais queixas decorrentes da experiência de vitimação (e.g., tristeza, raiva, perda do apetite) e com potencial comprometimento no seu ajustamento psicossocial. Os resultados deste estudo vêm, assim, reforçar a necessidade de se apostar no desenvolvimento de estratégias interventivas para fazer face à violência nas relações amorosas, o mais precocemente possível.

**Palavras-chave:** vivências amorosas; adolescência; dinâmicas abusivas; (des)ajustamento psicossocial

### Abstract

It is known that violence in dating relationships leads, often, very harmful consequences for the psychosocial adjustment of young people at different levels. This study aims to understand and characterize the abusive intimate experiences of adolescents and to analyse to what extent they contribute to their psychosocial (mal)adjustment. To do this, it was administered the Abusive Dating Experiences Questionnaire (QVAA), built for this purpose. The sample consisted of 196 students, the vast majority (63.3%) were male, whose average age was 16 years ( $SD = 1.58$ )

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. E-mail: mrrpsantos@gmail.com

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. E-mail: soniac@ufp.edu.pt.

and admitted to being involved in current intimate relationships or past ones. The main results indicate a predominance of psychological violence, which does not statistically significant differences in gender, age, grade and subject areas. Teens victims admitted do not seek help and the few (3) did chose to resort to informal help. Girls reported more complaints associated with victimization experience (e.g., sadness, anger, loss of appetite) with potential involvement in their psychosocial adjustment. The results of this study see thus reinforcing the need to increase interventional strategies to cope with violence in dating relationships, as early as possible.

**Keywords:** intimate experiences; adolescence; abusive dynamics; psychosocial (mal)adjustment

A adolescência constitui uma etapa desenvolvimental em que se encetam as primeiras relações amorosas, comprovando-se que é também um período propício ao desenvolvimento dos primeiros padrões de violência na intimidade (Caridade & Machado, 2006), e que, no namoro, tendem a ser mútuos (e.g., Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006; Paiva & Figueiredo, 2005). Esta maior vulnerabilidade, registada na adolescência, para a ocorrência de violência na intimidade, tem sido sobretudo associada às alterações desenvolvimentais e à grande instabilidade emocional que se verifica nesta fase (Jackson, Cram, & Seymour, 2000).

A violência no namoro tem vindo progressivamente, e à semelhança da violência conjugal, a alcançar grande visibilidade a nível social e científico, sendo atualmente considerada como um problema social relevante e merecedor de atenção em si mesmo (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003). Não obstante o reconhecimento científico e social atuais e da sua prática ser transversal a todos os tempos, será de referir que só a partir da década de sessenta é que o fenómeno da violência íntima, sob as diferentes formas, surge reconhecido como um problema social específico (Caridade & Machado, 2006). Desde então, a violência exercida contra as mulheres no contexto das relações íntimas tem sido objeto de forte e crescente atenção social e científica ao nível internacional. Também em Portugal, sobretudo a partir do início da década de 90, assiste-se a uma maior consciencialização sobre a gravidade e dimensão do problema da violência na intimidade (Caridade & Machado, 2006).

A investigação neste âmbito começou por privilegiar o estudo da violência física no contexto dos relacionamentos íntimos. Progressivamente, os estudos foram contemplando outras formas de violência neste contexto relacional, tais como o abuso verbal, o psicológico e o sexual (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004).

A violência física implica o uso exagerado de violência/agressividade e compreende ações como empurrar, puxar o cabelo, pontapear ou dar murros, queimar, apertar os braços, entre outras. Estes comportamentos podem, ou não, deixar marcas evidentes na vítima, sendo que as formas mais graves de violência podem resultar na morte da mesma (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV, 2011; Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009; Wekerle & Wolfe, 1999).

A violência psicológica/emocional, por sua vez, consiste em criticar, humilhar e desprezar a vítima, através de palavras e/ou comportamentos (e.g., intimidação, ameaças, desvalorização, destruição e/ou retenção de objetos), isolamento, humilhação e culpabilização (APAV, 2011; Manita et al., 2009; Wekerle & Wolfe, 1999). Esta forma de violência é apontada na literatura como sendo a mais frequente nas relações do namoro, perpetrada quer por mulheres quer por homens. Não obstante, vários autores (e.g., Rubio-Garay, López-González, Saúl, & Sánchez-Elvira-Paniagua, 2012; Shorey et al., 2012) defendem que é a mulher quem mais usa esta forma de violência.

Já a violência sexual abrange toda a forma de imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade da vítima (e.g., violação), recorrendo a ameaças e coação ou ao uso da força física para a obrigar a práticas e/ou contactos sexuais forçados (e.g., beijar e acariciar sem o seu consentimento) (APAV, 2011; Manita et al., 2009; Wekerle & Wolfe, 1999).

Embora haja alguma controvérsia quanto à sua real prevalência e distribuição em termos de género (Hickman et al., 2004), alguns estudos têm revelado a existência de níveis preocupantes de violência nas relações de namoro, incluindo violência física (Straus, 2004).

Makepeace (1981) foi o grande pioneiro no estudo da violência no namoro, desenvolvendo uma investigação nos Estados Unidos da América com o objetivo de estudar a ocorrência de relações abusivas entre os jovens. O autor concluiu que um em cada cinco estudantes universitários tinha sido vítima de violência física por parte do(a) seu(sua) companheiro(a) e que 61% da sua amostra conhecia alguém que já tinha sido alvo de comportamentos abusivos no namoro (Makepeace, 1981). A partir de então, o estudo da violência nas relações de intimidade juvenis despertou um progressivo interesse na comunidade científica internacional, sendo hoje possível encontrar vários estudos dispersos por diferentes países (Caridade, 2011).

A grande maioria dos estudos está, contudo, localizada nos Estados Unidos da América. A título exemplificativo, cita-se um estudo intercultural de Straus (2004) que envolveu 31 universidades de 16 países, cujo principal objetivo era caracterizar a prevalência da violência, física e física severa, ocorrida nas relações de namoro no último ano. Participaram no estudo 8.666 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos, tendo-se verificado que 29% dos alunos já teriam praticado agressões físicas contra o(a) seu(sua) companheiro(a) nos últimos 12 meses. Apurou-se que em média 9.4% dos estudantes sofreu violência física severa no último ano. Neste estudo, comprovou-se ainda a existência de uma grande variabilidade nas taxas de prevalência nas diversas universidades, em que a percentagem de ofensores oscilou entre 17% e 45%.

A nível nacional, a investigação nesta área tem vindo igualmente a proliferar. Um estudo desenvolvido por Caridade (2011) que contemplou uma amostra de grandes dimensões (4.667 jovens), com participantes de diferentes graus formativos e provenientes de diferentes áreas geográficas, comprovou que 19.5% dos jovens envolvidos em relações amorosas admitiram ter sofrido algum tipo de violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de agressões mais graves. Em relação aos agressores (30.6%), verificou-se que 22.4% admitiram ter recorrido à violência emocional, 18.1% à violência física e 7.3% a agressões mais graves (Caridade, 2011).

Mais recentemente, um outro estudo (Oliveira, 2014) mais específico no que respeita à área geográfica (limitado à zona norte de Portugal), procurou analisar a transmissão intergeracional da violência, levando em conta o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças evidenciadas pelos jovens. Participaram no estudo 1.476 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, de diferentes distritos da zona norte do país e que frequentavam o ensino secundário e profissional. Os resultados obtidos indicaram que dos 46.5% jovens que mantinham atualmente uma relação de intimidade, 24.8% admitiram ter perpetrado pelo menos um comportamento abusivo nos seus relacionamentos, sendo que 53.5% eram do sexo feminino e 46.5% do sexo masculino. No que diz respeito à vitimação, 22.4% referiram ter sofrido por parte do(a) seu (sua) parceiro(a) pelo menos um ato abusivo, destes, 42.9% eram do sexo masculino e 57.1% do sexo feminino.

Face a todas estas evidências e não obstante o já referenciado progresso em termos da investigação neste domínio, a verdade é que a literatura, internacional e nacional, tem-se centrado essencialmente na caracterização da prevalência do fenómeno e na identificação dos fatores de risco associados à violência íntima. Desta forma, e para melhor compreender o fenómeno da violência nas relações amorosas juvenis, torna-se premente a emergência de estudos que procurem explorar os contextos em que a violência é praticada (e.g., autodefesa, controlo, expressão de raiva, etc.), a influência do consumo do álcool nos comportamentos abusivos, as reações das vítimas às agressões, bem como o ajustamento psicossocial das vítimas mais jovens de violência nas relações de namoro (Caridade & Machado, 2013).

De referir que a literatura internacional tem vindo a comprovar que a violência nas relações de namoro acarreta, não raras vezes, consequências muito nefastas para o ajustamento psicossocial dos jovens, sejam vítimas, agressores ou mesmo até para aqueles que presenciaram estas dinâmicas abusivas (Close, 2005), a diferentes níveis: individual, académico e social. De entre as diferentes consequências associadas à experiência de violência no namoro, destaca-se a depressão, a ansiedade, a somatização, os ataques de pânico, o abuso de álcool, o uso de drogas, o consumo de tabaco, o consumo de marijuana, os problemas de autoestima e de bem-estar emocional, os distúrbios alimentares, a sensibilidade e hostilidade, a automutilação, a ideação/tentativa de suicídio, alguns com a intenção de morrer (Chan, Straus, Brownridge, Tiwari, & Leung, 2008; Exner-Cortens, Eckenrode, & Rothman, 2013). A literatura da especialidade tem vindo igualmente a comprovar que rapazes e raparigas parecem apresentar diferentes reações quando confrontados com episódios de violência por parte do(a) parceiro(a): as raparigas apresentam distúrbios alimentares, baixa autoestima e mal-estar emocional, ataques de pânico, consumo de bebidas alcoólicas, sintomatologia depressiva, ideação suicida e tabagismo (Ackard, Eisenberg, & Neumark-Sztainer, 2007; Ackard & Neumark-Sztainer, 2002; Romito & Grassi, 2007). Os rapazes, por sua vez, propendem para a adoção de comportamentos antissociais, ideação/tentativa de suicídio, ataques de pânico, consumo de substâncias (álcool, marijuana e outras drogas ilícitas) (Romito & Grassi, 2007).

A investigação nacional em torno dos efeitos que a violência pode ter nas suas vítimas é escassa. O presente estudo procura assim colmatar algumas lacunas da investigação neste domínio e, para além de procurar conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes, procura analisar em que medida estas poderão influenciar o seu (des)ajustamento psicossocial. De forma mais específica, procurar-se-á: i) caracterizar as vivências pessoais e familiares dos participantes; ii) caracterizar a prevalência do abuso íntimo sofrido e perpetrado; iii) conhecer e caracterizar as dinâmicas abusivas presentes e admitidas pelos participantes nas suas relações amorosas (e.g., tipo de abuso sofrido, contexto de ocorrência das dinâmicas abusivas, reações apresentadas e pedido de ajuda); iv) caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes que se identificaram como vítimas e ofensores; v) caracterizar as implicações decorrentes da experiência da vitimação com potencial determinante no (des)ajustamento psicossocial dos participantes.

## Método

### Participantes

A amostra é constituída por participantes com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos de idade. Como critério de inclusão, foi estabelecido o facto de estarem envolvidos em relações amorosas no momento do preenchimento dos inquéritos ou terem tido uma relação amorosa nos últimos 12 meses.

Responderam aos inquéritos 258 sujeitos, com residência no concelho de Gondomar, com 196 (76%) dos inquiridos a afirmar que estão ou já estiveram envolvidos numa relação amorosa. Os restantes 62 (24%) nunca estiveram envolvidos em qualquer relação amorosa, tendo sido excluídos do presente estudo. A amostra deste estudo é, por isso, constituída por 196 sujeitos que relataram possuir experiência de relacionamentos íntimos, dos quais, 91 relataram estar envolvidos atualmente numa relação amorosa, (no momento do preenchimento dos questionários) e 105 referiram não ter qualquer relação atualmente, mas tiveram no passado.

Ao nível da caracterização sociodemográfica, a amostra de 196 estudantes que referiram possuir experiência relacional é constituída por 124 indivíduos do sexo masculino (63.3%) e 72 do sexo feminino (36.7%), com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos de idade ( $M = 16$ ;  $DP = 1.58$ ); 55 afirmaram residir em área rural (28.1%) e 141 em área urbana (71.9%). No que se refere às áreas de estudo, a grande maioria encontra-se no ensino profissional (46.4%), seguindo-se o 3.º ciclo (24.5%) e o ensino secundário (17.3%); com menor expressão surge o percurso alternativo (7.7%) e o PIEF-Programa Integrado de Educação e Formação (4.1%). Quanto ao ano de escolaridade dos participantes, este varia do 7.º ao 12.º ano, predominando na amostra estudantes do 10º e do 9º ano, com incidências de 34.7% e 25%, respetivamente. O tempo de duração da relação amorosa (contabilizada em meses) rondava em média os 9.6 meses ( $DP = 1.29$ ), um mínimo de 1 e máximo de 60 meses. De referir ainda que 1.5% dos inquiridos indicou estar envolvido numa relação homossexual, 94.4% assumiu encontrar-se envolvido numa relação de natureza heterossexual e 3.1% indicou estar numa relação bissexual.

### Material e Procedimentos

No presente estudo utilizou-se o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas – QVAA, construído para o efeito do presente estudo, tendo por base a revisão da literatura da especialidade. Este questionário foi, posteriormente, submetido a um pré-teste, acompanhado de reflexão discutida com dez potenciais participantes, tendo sido igualmente analisado por três especialistas, em relação ao conteúdo deste questionário, sobre a violência nas relações amorosas juvenis. Tal procedimento afigurou-se extremamente importante na medida em que permitiu: a deteção de erros técnicos e gramaticais (Fortin, 1999); aferir a clareza da formulação das perguntas; a existência de possíveis resistências em responder a determinadas perguntas; analisar a adequação e suficiência das opções de resposta; a adequação e transição dos blocos temáticos e tempo necessário para o seu preenchimento (Gil, 1987).

O questionário encontra-se estruturado em 4 secções distintas. A primeira secção é relativa à recolha de dados sociodemográficos (e.g., sexo, idade, ano de escolaridade, área de estudos, residência e nacionalidade). Segue-se a segunda secção relativa à situação relacional (e.g., estado e tipo de relação). De seguida, a terceira secção procura analisar as vivências pessoais e familiares (e.g., averiguar a existência de eventuais consumos de álcool, de tabaco e de outras drogas

ilegais; a eventual experiência de outro tipo de maus tratos; a eventual exposição a outras formas de violência). Por último, a quarta secção destina-se à caracterização das vivências amorosas, procurando-se analisar as experiências de abuso sofridas, o contexto de ocorrência das mesmas, a reação dos participantes à violência, os fatores de manutenção na relação abusiva e o pedido de ajuda. De forma a identificar e compreender as implicações que a experiencição de abuso íntimo poderá ter no ajustamento psicossocial dos participantes foram, ainda, confrontados com uma subsecção, constituída por um conjunto de 21 itens (e.g., explorando-se eventuais dificuldades em realizar qualquer tipo de tarefa/atividade, dificuldades em estar atento/a nas aulas, sentimentos de vergonha, tristeza, o consumo de álcool para lidar com o sofrimento e/ou esquecer problemas), face aos quais os sujeitos tinham de classificar o grau em que cada problema os afetou nos últimos 12 meses, numa escala em que a resposta variava entre um (*Nunca*) e cinco (*Sempre*). Através do cálculo do alfa de *Cronbach* foi possível perceber que estes 21 itens apresentam uma boa consistência interna (.94).

### **Procedimento**

Para a realização do presente estudo foram recolhidas todas as autorizações necessárias junto das entidades com competência para tal. Assim e uma vez obtida a autorização por parte do Ministério da Educação, foram contactadas as direções das respetivas escolas para dar a conhecer o projeto, combinando-se os pormenores para a recolha de dados (seleção dos horários, das turmas com potencial interesse, apresentação do estudo aos diretores de turma). Atendendo à idade dos participantes que integram a amostra deste estudo (menores de 18 anos), foi necessário solicitar aos encarregados de educação a permissão para os seus educandos integrarem o presente estudo (assinatura de consentimento informado), sendo certo que os jovens poderiam recusar participar a qualquer momento, se assim o entendessem, não havendo qualquer prejuízo para eles. Aos participantes com idades iguais ou superiores a 18 anos foi igualmente solicitado o consentimento informado, sublinhando-se sempre o caráter anónimo e confidencial dos dados, bem como da sua participação voluntária e de que poderiam igualmente desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo para eles.

O questionário foi administrado de forma coletiva, em contexto de sala de aula, sendo que previamente, a investigadora procedeu à explicação dos objetivos do estudo e do caráter voluntário e anónimo da participação no mesmo e de que poderiam desistir do estudo a qualquer momento. Aquando da administração do instrumento, a investigadora recolheu primeiramente o consentimento informado de todos os participantes, colocando-os num envelope destinado para esse efeito de forma a não permitir que estes fossem emparelhados com o questionário, salvaguardando-se assim o anonimato dos participantes. De salientar ainda que o tempo médio de preenchimento do questionário foi de cerca de 20 minutos, sendo que a investigadora esteve presente durante o processo, de modo a esclarecer as dúvidas dos participantes, quando necessário. No final do preenchimento do instrumento, eram apresentados aos participantes alguns contactos de linhas/instituições de apoio (e.g., APAV, União de Mulheres Alternativa e Resposta - UMAR, Comissão Cidadania e Igualdade de Género – CIG) a que poderiam recorrer, se assim entendessem, de forma a obter mais informação sobre o tema em análise, ou, eventualmente, algum tipo de apoio.

## Resultados

### Caracterização das Vivências Pessoais e Familiares dos Participantes

Um dos primeiros objetivos do presente estudo era o de caracterizar as vivências pessoais e familiares dos participantes. Assim, dos 196 participantes que relataram estar envolvidos em vivências amorosas, uma percentagem considerável admitiu consumos de álcool (38.1%) e de tabaco (31.6%). Uma percentagem não tão elevada de participantes (12.2%) referiu ainda o consumo de outras drogas, tais como haxixe e marijuana.

A exploração das vivências abusivas dos inquiridos, fora do contexto das relações amorosas, revelou, de um modo geral, resultados preocupantes com 8.7% a declarar ter sido alvo de maus tratos no passado, 9.2% a afirmar já ter sido exposto e/ou observado algum tipo de violência no contexto familiar e 5.6% a apontar ter sido exposto e/ou observado algum tipo de violência na área de residência. Os inquiridos que vivenciaram estas experiências afirmaram que os maus tratos (físicos ou psicológicos) foram praticados pelos colegas de turma e pelo pai/padrasto, que a violência no contexto familiar foi perpetrada pelo pai (6.1%) e que as situações abusivas na área de residência foram, na maior parte das vezes, entre vizinhos (3.1%), resultando essencialmente em agressões físicas (3.1%) ou físicas/verbais (2%). A exposição e/ou observação de algum tipo de violência entre os pares/amigos foi reconhecida por 18.9% dos participantes, os quais referiram que esta foi praticada, na maior parte dos casos, pelos amigos (14.8%).

### Caracterização das Vivências Amorosas Abusivas dos Participantes e suas Dinâmicas

No que tange à prevalência dos comportamentos abusivos recebidos e perpetrados no âmbito das relações amorosas, atuais e passadas, verificamos que 27% dos participantes admitiu ter sido vítima de pelo menos um comportamento abusivo. Destes, 40.7% dos inquiridos relatou ter sido vítima no âmbito das suas relações amorosas atuais e 15.2% nas relações passadas.

A perpetração da violência foi relatada por 26.5% dos participantes, sendo que destes, 40.7% admitiram condutas agressivas nos seus relacionamentos atuais e 14.3% nas relações amorosas passadas (cf. Tabela 1).

O recurso ao qui-quadrado permitiu-nos perceber uma elevação da prevalência dos comportamentos abusivos nas relações atuais, comparativamente com as relações passadas, quer em termos de vitimação ( $\chi^2(1) = 15.97; p < .001$ ), quer em termos de perpetração ( $\chi^2(1) = 17.40; p < .001$ ) (cf. Tabela 1).

Tabela 1  
*Vitimação e Perpetração vs Estado Relacional*

Estado Relacional	Vitimação			Perpetração			
		Não	Sim	$\chi^2$	Não	Sim	$\chi^2$
Relações Atuais	<i>n</i>	54	37		54	37	
	%	59.3	40.7		59.3	40.7	
Relações Passadas	<i>n</i>	89	16	15.97***	90	15	17.40***
	%	84.8	15.2		85.7	14.3	
Total	<i>n</i>	143	53		144	52	
	%	73	27		73.5	26.5	

Nota. \*\*\* $p < .001$

A análise dos tipos de violência recebidos/sofridos denuncia uma preponderância do abuso emocional comparativamente ao abuso físico, em particular, relativamente aos abusos físicos muito severos.

Ao nível da vitimação por ofensas psicológicas, 27% dos sujeitos que foram vítimas, 16.9% afirmaram que já foram insultados uma ou mais vezes, 13.9% foram impedidos de ter ou de falar com outros amigos, 12.2% foram impedidos de sair com os amigos e 13.8% viram o seu telemóvel e/ou a mochila revistados. Seguem-se, os gritos para assustar com 11.3% e o perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a com 9.7%.

Ao nível da violência física, os participantes admitiram terem sido alvo de empurrões (9.7%), estaladas (9.2%) e de arremesso de objetos (8.2%). Ainda que com menor expressividade, os participantes relataram também a experiência de ofensas físicas mais severas, nomeadamente, 5.6% dos inquiridos afirmaram que “já lhe puxaram os cabelos” e 4% admitiram terem sido “violentados com pontapés ou que lhe apertaram o pescoço” (cf. Tabela 2).

Analisando a perpetração dos diferentes comportamentos abusivos, observa-se igualmente uma maior preponderância das formas mais leves de violência. Assim, tal como sucede na vitimação, os inquiridos admitiram já ter praticado um ou mais insultos (14.8%), revistar o telemóvel e/ou a mochila (12.7%), impedir o(a) companheiro (a) de ter ou falar com outros amigos (11.2%), gritar com o(a) parceiro(a) para assustar (10.2%), dar empurrões (9.1%), perseguir e vigiar os movimentos do(a) namorado(a) (8.2%) e, ainda, fazer chantagens (7%).

De igual modo, também ao nível da perpetração se registou o recurso a comportamentos de maior gravidade no seio das relações amorosas, nomeadamente: puxar os cabelos (3%), pontapear (2.5%), pressionar para manter relações sexuais (2.5%), forçar a manter atos sexuais contra a vontade (2%) e apertar o pescoço (1.5%) (cf. Tabela 2).

Tabela 2  
*Comportamentos Recebidos/Sofridos*

Itens QVAA	Perpretação (26.5%)			Vitimação (27%)		
	1 vez	Mais de 1 vez	Total	1 vez	Mais de 1 vez	Total
Insultos	3%	11.8%	14.8%	3.6%	13.3%	16.9%
Impedir de Teres ou Falares com Outros/as Amigos/as	7.2%	4%	11.2%	8.3%	5.6%	13.9%
Gritos para Assustar	1%	9.2%	10.2%	1.5%	9.8%	11.3%
Chantagens	3%	4%	7%	6.2%	3%	9.2%
Ameaças	2.5%	3.4%	6.1%	2.6%	4.6%	7.2%
Impedir o Uso de Determinadas Roupas	2.5%	3.5%	6%	4%	3%	7%
Impedir de Saíres com os/as Amigos/as	1.5%	4%	5.5%	5.6%	6.6%	12.2%
Revistar o Telemóvel e/ou a Mochila	3%	9.7%	12.7%	3.6%	10.2%	13.8%
Empurrões	2.5%	6.6%	9.1%	4.6%	6.6%	11.2%
Perseguir e Vigiar os Movimentos do/a Namorado/a	4.6%	3.6%	8.2%	4.6%	5.1%	9.7%
Atirar com Objetos	3.6%	4%	7.6%	4.6%	3.6%	8.2%
Estaladas	2.5%	2.5%	5%	4.6%	3.6%	9.2%
Puxar os Cabelos	1.5%	1.5%	3%	3%	2.6%	5.6%
Beijos Forçados	2%	1%	3%	2%	1%	3%
Pontapés	.5%	2%	2.5%	.5%	3.5%	4%
Pressionar para Manter Relações Sexuais	1%	1.5%	2.5%	1%	1%	2%
Forçar a Manter Atos Sexuais Contra Vontade	1.5%	.5%	2%	.5%	.5%	1%
Apertar o Pescoço	1%	.5%	1.5%	2%	2%	4%

Ao nível da caracterização das dinâmicas abusivas presentes e assumidas pelos participantes nas suas relações amorosas, os inquiridos afirmaram reagir aos comportamentos de violência sofridos de várias formas: tentar conversar com o(a) namorado(a) (11.2%); defender-se (fazendo uso de algum tipo de violência) (10.7%); chorar/ficar triste (10.2%); e sair/abandonar o contexto (7%). O uso de comportamentos abusivos por parte do(a) namorado(a) nas suas relações de intimidade é, para 24% dos inquiridos, consequência de ciúmes.

A perpetração dos comportamentos abusivos foi, segundo os participantes, iniciada pelo par em 10.7% dos casos. Quando questionados sobre quem recorria mais aqueles comportamentos, 11.2% dos inquiridos apontaram o(a) namorado(a). Relativamente ao contexto onde decorriam os abusos, 16.3% relatou que aconteciam mais frequentemente em privado, seguindo-se os espaços públicos (rua, escola) (8.2%).

Uma percentagem considerável dos participantes (13.8%) afirmou que já pensou em sair/ abandonar a relação amorosa, enquanto 8.7% declarou que já abandonou a relação amorosa, tendo havido posteriormente reconciliação e que isso aconteceu algumas vezes (7.1%) (cf. Tabela 3).

Tabela 3  
*Caracterização das Dinâmicas Abusivas*

<b>Dinâmicas Abusivas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Habitualmente, Como Reagias a Esses Comportamentos Usados Pelo/a Teu/Tua Namorado/a	n	%
Tentar Conversar Com o/a Meu/Minha Namorado/a	22	11.2
Procurar Defender-me (Fazendo Uso de Algum Tipo de Violência)	21	10.7
Chorar/Ficar Triste	20	10.2
Sair/Abandonar o Contexto	14	7.1
Pedir Ajuda a Amigos e/ou Familiares	7	3.6
Ficar Sozinho/a	5	2.6
No teu Entender, o que é que Levava/Leva o Teu/Tua Namorado/a Ter estes Comportamentos Para Contigo	n	%
Ciúmes	47	24
Controlar	13	6.6
Caraterísticas Pessoais do Teu/Tua Namorado/a (ex.: Impulsividade, Agressividade)	7	3.6
O facto de o/a Teu/Tua Namorado/a Ter Sofrido Violência na Infância/Contexto Familiar	5	2.6
Consumir Outras Drogas Ilegais	5	2.6
Consumir Álcool	3	1.5
Infidelidade	0	0
Quem Recorreu, pela Primeira Vez, a Algum Daqueles Comportamentos	n	%
Eu	8	4.1
O/a Meu/Minha Namorado/a	21	10.7
Não Sei/Não me Lembro	23	11.7
Habitualmente, Quem é que Recorre/Recorria Mais Aqueles Comportamentos	n	%
Eu	9	4.6
O/a Meu/Minha Namorado/a	22	11.2
Não Sei/Não Me Lembro	21	10.7
Habitualmente, Onde Aconteciam/Acontecem os Comportamentos	n	%
Em Privado	32	16.3
Espaços Públicos (Rua, Escola)	16	8.2
Ao Telemóvel	2	1
Outros Locais	1	.5

(continua)

<b>Dinâmicas Abusivas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Habitualmente, Onde Aconteciam/Acontecem os Comportamentos	n	%
Casa Dela	1	.5
Geralmente, os Comportamentos Acontecem/Aconteciam na Presença de Terceiros	6	3.1
Indica Quem Estava Presente	n	%
Amigos	3	1.5
Colegas de Turma	2	1
Amigos e Pais	1	.5
Já Alguma Vez Pensaste em Sair/Abandonar a Tua Relação Amorosa	27	13.8
Já Alguma Vez Abandonaste a Tua Relação Amorosa, Tendo Havido Posteriormente Reconciliação	17	8.7
Quantas Vezes Aconteceu	n	%
Algumas Vezes	14	7.1
Muitas Vezes	3	1.5
Se Nunca Abandonaste a Tua Relação, Quais os Motivos que Contribuíram Para Tal	n	%
Por Amor	37	18.9
Vergonha (em Contar a Situação em que Te Encontravas)	13	6.6
Acreditar/Esperança na Mudança do/a Namorado/a	12	6.1
Receio de Sofrer Retaliações/Represálias por Parte do/a Namorado/a	8	4.1
Receio que Não Acreditassem em Mim	5	2.6
Manipulação Psicológica/Chantagem	2	1
Já Alguma Vez Procuraste Algum Tipo de Ajuda/Apoio	3	1.5
Junto de Quem	n	%
Amigos	1	.5
Amigos e Polícia	1	.5
Psicóloga e Família	1	.5

### **Perfil Sociodemográfico dos Participantes que se Identificaram como Vítimas e Agressores**

No que diz respeito ao perfil sociodemográfico dos participantes que se identificaram como tendo sido vítimas e/ou agressores, de modo a relacionar o género com a experiência de vitimação, fez-se uso do teste do qui-quadrado<sup>3</sup>. Com base no mesmo, não se verificou existir uma associação significativa entre o género dos sujeitos e a experiência de vitimação ( $\chi^2(1) = .26$ ;  $p = .610$ ) ou de perpetração ( $\chi^2(1) = 0$ ;  $p = .973$ ).

Também no que respeita à área de estudos, os resultados indicam que não existe uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis em análise, tanto para experiência de vitimação ( $\chi^2(1) = 3.57$ ;  $p = .468$ ), como para a perpetração ( $\chi^2(1) = 4.31$ ;  $p = .366$ ).

<sup>3</sup> No presente estudo foram utilizados testes não paramétricos dado não estarem cumpridos os pressupostos para o cálculo de testes paramétricos.

## Caracterização das Consequências do Abuso Íntimo com Potencial Influência no (Des)Ajustamento Psicossocial dos Participantes

Quando procuramos identificar as implicações que a experiência do abuso íntimo poderá ter no ajustamento psicossocial de rapazes e raparigas, com recurso ao Teste de *Mann-Whitney*<sup>4</sup>, apenas se registaram valores estatisticamente significativos em três itens: sentir-se triste ( $U=213$ ;  $p=.030$ ); sentir-se irritado/a, com raiva ( $U=205.50$ ;  $p=.020$ ); perda de apetite ( $U=211.50$ ;  $p=.023$ ) e em dois itens apuraram-se valores marginalmente significativos (preferir estar sozinho/a ( $U=225$ ;  $p=.053$ ); dificuldades em adormecer ( $U=227$ ;  $p=.052$ ). De forma mais específica, verificou-se que existe uma tendência para as raparigas, com experiência de vitimação, relatarem mais queixas (tristeza, irritação, raiva), suscetíveis de interferir com o seu ajustamento psicológico (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Género Versus Indicadores de (Des)Ajustamento Psicossocial do QVAA

Indicadores do QVAA	Rapazes (n=31) Ordem Média	Raparigas (n=21) Ordem Média	Mann-Whitney- U
Dificuldades em Realizar Qualquer Tipo de Tarefa/Atividade	25.19	28.43	285
Dificuldades em Estar Atento/a nas Aulas	27.23	25.43	303
Dificuldades em Concentrar nos Estudos	27.73	24.69	287.50
Apresentar Maus Resultados Escolares/Académicos	26.84	26	315
Faltar às Aulas	25.68	27.71	300
Preferir Estar Sozinho/a	23.26	31.29 <sup>+</sup>	225 <sup>+</sup>
Ter Vergonha	24.76	29.07	271.50
Envolver Facilmente em Conflitos com Amigos e/ou Colegas	23.71	30.62	239
Afastar dos Amigos e/ou Colegas	26.16	27	315
Envolver Facilmente em Conflitos com a Família	25.37	28.17	290.50
Afastar da Família	24.90	28.86	276
Sentir Triste	22.87	31.86 <sup>*</sup>	213 <sup>*</sup>
Sentir Irritado/a, com Raiva	22.63	32.21 <sup>*</sup>	205.50 <sup>*</sup>
Ter Pensamentos de Acabar com a Vida	24.31	29.74	257.50
Alguma Tentativa para pôr Fim à Própria Vida	26.18	26.98	315.50

(continua)

<sup>4</sup> No presente estudo foram utilizados testes não paramétricos dado não estarem cumpridos os pressupostos para o cálculo de testes paramétricos.

<b>Indicadores do QVAA</b>	<b>Rapazes (n=31) Ordem Média</b>	<b>Raparigas (n=21) Ordem Média</b>	<b>Mann-Whitney- U</b>
Consumir Álcool para Lidar com o Sofrimento e/ou Esquecer os Problemas	27.34	25.26	299.50
Consumir outras Drogas Ilegais para Lidar com o Sofrimento e/ou Esquecer os Problemas	26.90	25.90	313
Ter Sentimentos de Culpa	25.23	28.38	286
Dificuldades em Adormecer	23.32	31.19 <sup>+</sup>	227 <sup>+</sup>
Perda de Apetite	22.82	31.93 <sup>*</sup>	211.50 <sup>*</sup>
Sentir Sozinho/a	23.79	30.50	241.50
Total dos Itens	1.876	2.152	-1.503

Nota. <sup>+</sup> Marginalmente significativo; <sup>\*</sup>  $p < .05$

## Discussão

O presente estudo procurou caracterizar as dinâmicas abusivas presentes nas vivências amorosas dos adolescentes, procurando perceber em que medida poderão interferir com o seu (des)ajustamento psicossocial.

De uma forma global, este estudo veio corroborar a existência de elevados indicadores de violência nas relações amorosas juvenis, à semelhança do verificado em outros estudos nacionais (e.g., Barros, 2014; Caridade, 2011; Ferreira, 2011; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Simas, 2011) e internacionais (Aldrighi, 2004; Amar & Gennaro, 2005; Boladale, Yetunde, Adesanmi, Olutayo, & Olanrewaju, 2014; Haynie et al., 2013; Sugarman & Hotaling, 1989). Aliás, no presente estudo apuraram-se taxas de prevalência ligeiramente elevadas ao apurado em outros estudos nacionais, sobretudo ao nível das relações atuais (Machado, Gonçalves, Matos, & Dias, 2007; Machado, Matos, & Moreira, 2003), o que pode estar relacionado com a medida usada para a recolha de dados. Assim, e como foi oportunamente descrito, optámos por neste estudo construir um inquérito de vitimação que, para além de questionar os jovens sobre se alguma vez sofreram e/ou perpetraram algum tipo de violência no âmbito das suas relações amorosas, também questionasse os indivíduos sobre as dinâmicas abusivas, o contexto de ocorrência do abuso íntimo, entre outros aspetos.

À semelhança do verificado em outras investigações internacionais (e.g., Archer, 2000; Barnes, Greenwood, & Sommer, 1991; Doroszewicz & Forbes, 2008; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Muñoz-Rivas, Gomez, O'Leary, & Lozano, 2007; Ramírez, 2002; Sears & Byers, 2010) e nacionais (Barros, 2014; Caridade, 2011; Machado, et al., 2003; Paiva & Figueiredo, 2005), no presente estudo, as ofensas psicológicas foram as mais admitidas pelos participantes, ao nível da perpetração e da vitimação. Atendendo a que a literatura documenta que a violência psicológica constitui um preditor da violência física e que esta poderá acarretar consequências tão ou mais nefastas do que outras formas de violência (e.g., Shwartz, Magee, & Griffin, 2004, citados por Cáceres & Cáceres, 2006). Estes dados suscitam alguma preocupação e não deverão de todo con-

duzir a uma desvalorização do problema da violência neste contexto relacional. Não será ainda de negligenciar a evidência sobre a existência de uma escalada da violência (e.g., Wekerle & Wolfe, 1999).

Um outro dado que merece algum destaque no presente estudo relaciona-se com o facto de não se terem encontrado diferenças de género estatisticamente significativas para nenhuma tipologia de violência estudada. Tais evidências parecem, assim, apontar para uma certa paridade de género ao nível do abuso íntimo, a qual tem sido de resto também documentada por outros estudos (Aldrighi, 2004; Haynie et al., 2013; Kaura & Allen, 2004; Lewis & Fremouw, 2001; Machado, et al., 2010; Machado et al., 2003; Marcus, 2008; Matos et al., 2006; Paiva & Figueiredo, 2005; Straus, 2004). Esta não é, contudo, uma questão consensual ao nível da literatura, existindo estudos que não só refutam esta tese da paridade de género como apontam para resultados opostos (cf. Caridade & Machado, 2013). Assim, se os primeiros estudos empíricos (e.g., Makepeace, 1981) apontavam o homem como principal ofensor e a mulher como a principal vítima, mais recentemente, estudos nacionais (e.g., Caridade, 2011) e internacionais (e.g., Windle & Mrug, 2009) encontraram resultados mais ambíguos em termos de género. Os estudos evidenciam, por exemplo, que os rapazes poderão experienciar níveis mais elevados de vitimação do abuso íntimo e de que as raparigas admitem recorrer mais frequentemente à violência (cf. Caridade & Machado, 2013). Contudo, outros estudos referem que os dados da violência das raparigas poderão dever-se a agirem em autodefesa e em resposta às ofensas verbais dos companheiros (Caridade, 2011; Hickman et al., 2004); a reportarem mais a violência de que são vítimas ou agressoras; e de tenderem a exagerar nos dados relatados, responsabilizando-se pelos atos cometidos (Jackson, 1999); por sua vez, os rapazes, tendem a desvalorizar ou minimizar os seus comportamentos agressivos (O'Keefe, 2005). Sabe-se ainda que ambos os géneros parecem ter perceções diferentes do tipo de violência de que são vítimas ou agressores, o que poderá influenciar no relato deste tipo de experiências abusivas. A título exemplificativo, a violência psicológica apesar de ser mais prevalente, é ainda subvalorizada, e muitas das vezes, não identificada como forma de violência pelos jovens (Paiva & Figueiredo, 2005; Straus & Sweet, 1992), o que também poderá promover algum viés nos resultados encontrados.

Em suma, do nosso ponto de vista, a assimetria/simetria da perpetração/vitimação em função do género, não poderá ser vista na sua globalidade, mas sim pelo tipo de violência praticada/recebida, no tipo de contexto, em que condições a violência acontece e o tipo de instrumento utilizado na recolha dos dados. Não havendo consenso sobre a explicação deste fenómeno da uni ou bidirecionalidade na relação entre violência e género, é particularmente complexa e requer exploração subsequente (Caridade, 2011).

Como já fora referido, no presente estudo procuramos explorar dimensões do fenómeno que frequentemente não são contempladas noutros estudos (e.g., dinâmicas abusivas, reação ao abuso, contexto, etc.) e efetivamente verificámos que os participantes do nosso estudo raramente revelam os abusos de que são alvo, intentando antes outro tipo de ações (e.g., abordar o/a companheiro/a; reagindo com agressividade; chorar/ficar triste; sair/abandonar o contexto; pedir ajuda a amigos e/ou familiares ou ficar sozinho/a). A título de exemplo, num estudo desenvolvido em Oregon, nos E.U.A (Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983), os participantes apresentaram reações muito diversas. As vítimas admitiram conversar com o(a) companheiro(a) (51.4% vítimas; 41.8% agressores), reagir à violência (47% vítimas), chorar (44.4% vítimas; 25.4% agressores), abandonar o contexto (38.9% vítimas; 19.4% agressores), desculpar-se (68% agresso-

res) e tentar fazer as pazes (53% agressores). Ainda neste estudo, a grande maioria dos adolescentes que foram vítimas (66%) optou por reportar a violência aos pais, seguindo-se as mães (16.6%), os pais (10.2%) e, em número residual (2%), os professores. Cerca de um quarto (23%) optaram por não revelar a ninguém. Os nossos dados corroboram em parte estas evidências. Num outro estudo desenvolvido por Ashley e Foshee (2005), verificou-se que 68% das vítimas e 79% dos agressores não procuraram ajuda para a violência que era infligida/perpetrada; os homens agressores mais velhos eram mais propensos a procurar ajuda do que os agressores do sexo feminino ou perpetradores mais jovens; o tipo de ajuda a que recorreram, foram os amigos ou familiares, contudo, os homens tenderam a procurar mais ajuda de profissionais do que as mulheres. Os dados do nosso estudo vão de encontro a estas evidências, na medida em que apenas três participantes procuraram ajuda, socorrendo-se da família/amigos e psicóloga/polícia.

Os ciúmes, o controlo por parte do(a) parceiro(a) e as dificuldades de autocontrolo (impulsividade/agressividade) foram os indicadores mais referenciados pelos participantes como as principais causas da violência, indo de encontro ao apurado por outros trabalhos (e.g., Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Sugarman & Hotaling, 1989).

Relativamente aos fatores que favorecem a manutenção da relação abusiva identificados pelos participantes, destacam-se: o amor; o receio de os outros não acreditarem que eles são alvo de violência; o medo de sofrer retaliações/represálias por parte do namorado/a; a crença na mudança de comportamento do(a) namorado(a); a manipulação psicológica/chantagem por parte do companheiro(a); e, ter vergonha de relatar a situação. No estudo de Caridade (2011) os resultados são semelhantes no que concerne ao fator “manutenção da relação abusiva” aos apurados no nosso estudo. Poderá depreender-se que a imaturidade e falta de experiência em identificar os comportamentos do(a) companheiro(a) como violentos, os(as) possam levar a confundir abuso com amor.

Relativamente às implicações decorrentes da experiência de abuso íntimo no ajustamento psicossocial dos participantes, no presente estudo apurou-se que a vitimação parece estar associada a um certo mal-estar psicológico, dados estes que vão de encontro ao apurado em vários outros estudos (e.g., Ackard et al., 2007; Ackard & Neumark-Sztainer, 2002; Amar & Gennaro, 2005; Bonomi et al., 2006; Callahan et al., 2003; Coker et al., 2002; Devries et al., 2013; Foshee, Reys, Gottfredson, Chang, & Ennett, 2013; Kaura & Lohmann, 2007; Pico-Alfonso et al., 2006; Romito & Grassi, 2007). Mais concretamente, as raparigas vítimas relataram maiores níveis de tristeza, perda de apetite e indicadores de uma certa internalização (solidão, preferir estar sozinho/a) quando comparadas com os rapazes vitimizados. Resultados semelhantes foram encontrados num estudo conduzido por Ackard et al. (2007) nos E.U.A., em que a violência no namoro surge associada a riscos superiores para a saúde dos jovens, nomeadamente, a nível comportamental e psicológico, em particular, com maior incidência nos adolescentes do sexo feminino. No entanto, outros estudos alertam não só para os níveis elevados de depressão nas vítimas, bem como para os baixos níveis de autoestima (Ackard & Neumark-Sztainer, 2002), sintomatologia de stress pós-traumático (PTSD) e reduzida satisfação com a vida (e.g., Callahan et al., 2003), ideação suicida (Ackard et al., 2007; Barros, 2014; Chan et al., 2008; Howard, Beck, Kerr, & Shattuck, 2005; Pico-Alfonso et al., 2006) e funcionamento psicossocial inferior (Bonomi et al., 2006). Todavia, alguns autores (e.g., Chan et al., 2008; Collin-Vézina, Hébert, Manseau, Blais, & Fernet, 2006; Lewis & Fremouw, 2001) referem que algumas variáveis intrapessoais (e.g., depressão e autoestima) podem ser preditores ou consequência da violência nas relações de intimidade.

## Conclusão

A investigação sobre a experiência de violência nas relações tem-se centrado, essencialmente, na caracterização do fenómeno, existindo um menor investimento na análise das repercussões que este tipo de abuso poderá ter no funcionamento psicossocial dos jovens. Neste sentido, o presente estudo pretendeu dar um contributo válido neste domínio e assim, extrair pistas para delinear políticas de intervenção, sejam de cariz mais preventivo, ou interventivo, especificamente, no contexto clínico. O facto de termos optado pela construção de um inquérito de vitimação constitui uma mais-valia, visto agregar no mesmo instrumento várias dimensões/variáveis que não são contempladas noutros instrumentos (e.g., funcionamento pessoal e/ou familiar; caracterização das vivências amorosas; a reação ao tipo de abuso sofrido; o contexto da ocorrência da violência; os motivos da manutenção na relação abusiva; o tipo de ajuda e o impacto das vivências abusivas), evitando assim, que se tivesse de recorrer a outros instrumentos que estão mais direcionados para a população adulta. A adequação em termos de linguagem mais acessível aos jovens foi também um fator tido em conta, visto a nossa amostra ser bastante jovem (13 aos 20 anos), assim como apresentar um *layout* atrativo e com respostas curtas, e por fim, disponibilizar a linha de apoio para quem tivesse necessidade de usufruir dela.

Não obstante, o presente estudo contém algumas limitações sobre as quais importa refletir. Desde logo, destacamos o facto de se tratar de um estudo essencialmente descritivo, recorrendo a uma amostra de conveniência, não sendo possível generalizar os resultados à população portuguesa. De igual modo, e pese embora os esforços para garantir algum equilíbrio da amostra em termos de género, no presente estudo, 63.3% dos participantes pertencem ao sexo masculino. Destaca-se ainda o recurso a medidas de autorrelato com todas as limitações que tais medidas apresentam e que no presente estudo se poderão ter agravado pelo facto de a recolha de dados ocorrer em contexto escolar. Neste sentido, os jovens poderão ter-se sentido mais constrangidos a abordar este tipo de vivências ou mesmo ter temido que a informação pudesse ser divulgada. Não será ainda de excluir a possibilidade dos relatos dos participantes acerca das suas experiências amorosas abusivas, sobretudo nas relações passadas, poderem ter sido influenciados por fatores como a distância temporal, eventuais problemas de recordação, ou mesmo pela desejabilidade social. Por fim, no presente estudo apenas foram efetuadas análises descritivas e correlacionais, não tendo havido lugar à realização de análises de regressão.

Face a estas limitações, seria útil que estudos futuros procurassem constituir amostras representativas e se procurasse garantir um maior equilíbrio da amostra em termos de género. O recurso por parte dos estudos a análises de regressão seria igualmente necessário e importante para determinar a predição de certas variáveis. Urge, ainda, a aposta no desenvolvimento de estudos longitudinais que permitam explorar e aprofundar o impacto das dinâmicas abusivas a médio e a longo-prazo. Importa, ainda, diversificar o tipo de amostra, contemplando idades mais precoces, visto a violência começar cada vez mais cedo nos relacionamentos íntimos, pressuposto devidamente documentado na literatura.

Por fim, e ainda que no presente estudo tenha havido uma preocupação em investigar outras dimensões do fenómeno outrora negligenciadas, seria importante apostar no desenvolvimento de estudos qualitativos em que se procurasse explorar de forma mais detalhada algumas destas dimensões, tais como: o pedido de ajuda e as estratégias de *coping* adotadas, o contexto de instalação das dinâmicas abusivas, entre muitos outros aspetos.

Para finalizar, esperamos ainda que os resultados alcançados pelo presente estudo permitam auxiliar o desenvolvimento das políticas de prevenção da violência nas relações íntimas juvenis e, mais especificamente, na definição de estratégias para fazer face ao impacto que este tipo de abuso poderá ter nos adolescentes. Urge, portanto, continuar a apostar na implementação de programas de intervenção em contexto escolar, local privilegiado para o desenvolvimento de relações interpessoais e amorosas. De forma mais específica, importa munir os pais, os professores e toda a comunidade educativa, de ferramentas adequadas para a identificação, sinalização e intervenção atempadas nestes casos. Atendendo às evidências que documentam um impacto diferenciado no caso das raparigas, sobretudo no desenvolvimento de sintomatologia internalizadora, importa, em contexto clínico, providenciar as estratégias e os modelos terapêuticos mais consentâneos. Efetivamente, a literatura tem vindo a comprovar que a vitimação por parte de parceiros íntimos poderá acarretar sintomatologia clínica diversa, sendo a depressão e a ansiedade muito frequentes.

No contexto psicoterapêutico, o recurso à terapia cognitivo-comportamental é o mais usual na intervenção com este tipo de vítimas, dado que o seu racional terapêutico é educacional, breve, limitado no tempo e orientado para o problema (cf. Caridade & Sani, 2013). Não obstante, e atendendo a que as consequências da vitimação na intimidade revelam-se, não raras vezes, aversivas à autonomia e desenvolvimento pessoal da vítima, dificultando a construção de um projeto de vida, alguns autores sugerem o recurso, de forma complementar, a outros modelos terapêuticos, como é o caso da terapia focada nas emoções (Leal, Sani, & Caridade, 2015). Trata-se de um modelo útil na medida em que não só possibilita a prevenção de recaídas de psicopatologia ou de novas situações de risco, mas também permite efetuar um trabalho em maior profundidade no sentido de fomentar o crescimento e a autonomia da vítima (Leal et al., 2015).

## Referências

- Ackard, D., Eisenberg, M., & Neumark-Sztainer, D. (2007). Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *Journal of Pediatrics*, 151, 476-481. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpeds.2007.04.034>
- Ackard, D., & Neumark-Sztainer, D. (2002). Date violence and date rape among adolescents: associations with disordered eating behaviors and psychological health. *Child Abuse & Neglect*, 26, 455-473. doi:10.1016/j.bbr.2011.03.031
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Amar, A., & Gennaro, S. (2005). Dating violence in college women: associated physical injury, healthcare usage, and mental health symptoms. *Nursing Research*, 54(4), 235-242.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126, 651-680. doi: 10.1037//0033-2909.126.5.651
- Ashley, O., & Foshee, V. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health*, 36(1), 25-31. doi: 10.1016/j.jadohealth.2003.12.014.
- Associação de Apoio à Vítima. (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. Lisboa, Portugal: APAV.
- Barnes, G., Greenwood, L., & Sommer, R. (1991). Courtship violence in a Canadian sample of male college students. *Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies*, 40, 37-44. doi: 10.2307/585656
- Barros, S. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas* (Tese de Mestrado não publicada). Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto.
- Boladale, M., Yetunde, O., Adesanmi, A., Olutayo, A., & Olanrewaju, I. (2014). Personality profiles and psychopathology among students exposed to dating violence at the Obafemi Awolowo University, Ile-Ife. *Journal of Interpersonal Violence*, 30, 168-190. doi: 10.1177/0886260514532718.
- Bonomi, A., Thompson, R., Anderson, M., Reid, R., Carrell, D., Dimer, J., & Rivara, F. (2006). Intimate partner violence and women's physical, mental, and social functioning. *American Journal of Preventive Medicine*, 30, 458-466. doi: 10.1016/j.amepre.2006.01.015.
- Cáceres, A., & Cáceres, J. (2006). Violencia en relaciones íntimas en dos etapas evolutivas. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6, 271-284.
- Callahan, M., Tolman, R., & Saunders, D. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18, 664-681. doi: 10.1177/0743558403254784.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra, Portugal: Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4, 485-493.

- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27, 91-113.
- Caridade, S., & Sani, A. (2013). Desafios inerentes à intervenção com vítimas e agressores. In A. Sani & S. Caridade (Eds.), *Violência, agressão e vitimação: práticas para a intervenção* (pp. 11-28). Coimbra, Portugal: Almedina.
- Chan, K., Straus, M., Brownridge, D., Tiwari, A., & Leung, W. (2008). Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female university students worldwide. *Journal of Midwifery & Women's Health*, 53, 529-537. doi:10.1016/j.jmwh.2008.04.016.
- Close, S. (2005). Dating violence prevention in middle school and high school youth. *Journal of Child & Adolescent Psychiatric Nursing*, 18, 2-9. doi:10.1111/j.1744-6171.2005.00003.x
- Coker, A., Davis, K., Arias, I., Desai, S., Sanderson, M., Brandt, H., & Smith, P. (2002). Physical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *American Journal of Preventive Medicine*, 23, 260-268. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0749-3797\(02\)00514-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0749-3797(02)00514-7)
- Collin-Vézina, D., Hébert, M., Manseau, H., Blais, M., & Fernet, M. (2006). Self-concept and violence in 220 adolescent girls in the child protective system. *Child Youth Care Forum*, 35, 319-326. doi: 10.1007/s10566-006-9019-6
- Devries, K., Mak, J., Bacchus, L., Child, J., Falder, G., Petzold, M., Astbury, J., & Watts, C. (2013). Intimate partner violence and incident depressive symptoms and suicide attempts: A systematic review of longitudinal studies. *PLOS Medicine*, 10(5), 1-11. doi: 10.1371/journal.pmed.1001439.
- Doroszewicz, K., & Forbes, G. (2008). Experiences with dating aggression and sexual coercion among polish college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23, 58-73. doi: 10.1177/0886260507307651
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131, 71-78. doi: 10.1542/peds.2012-1029.
- Fernández-Fuertes, A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. *Child Abuse & Neglect*, 34, 183-191. doi: 10.1016/j.chiabu.2010.01.002.
- Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência* (Tese de Mestrado não publicada). Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18651>
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures, Portugal: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas.
- Foshee, V., Reys, H., Gottfredson, N., Chang, L., & Ennett, S. (2013). A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 53, 723-729. doi: 10.1016/j.jadohealth.2013.06.016.
- Gil, A. (1987). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Brasil: Editora Atlas.

- Haynie, D., Farhat, T., Brooks-Russell, A., Wang, J., Barbieri, B., & Iannotti, R. (2013). Dating violence perpetration and victimization among US adolescents: Prevalence, patterns, and associations with health complaints and substance use. *Journal of Adolescent Health, 53*, 194-201. doi: 10.1016/j.jadohealth.2013.02.008.
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues, 4*, 467-482. doi: 10.1177/019251383004003004
- Hickman, L., Jaycox, L., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse, 5*, 123-142. doi: 10.1177/1524838003262332.
- Howard, D., Beck, K., Kerr, M., & Shattuck, T. (2005). Psychosocial correlates of dating violence victimization among latino youth. *Adolescence, 40*, 319-332.
- Jackson, S. (1999). Issues in dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior, 4*, 233-247. doi: 10.1016/S1359-1789(97)00049-9
- Jackson, S., Cram, F., & Seymour, F. (2000). Violence and sexual coercion in high school students dating relationships. *Journal of Family Violence, 15*(1), 23-36. doi: 10.1023/A:1007545302987
- Kaura, S., & Allen, G. (2004). Dissatisfaction with relationship power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 575-588. doi: 10.1177/0886260504262966.
- Kaura, S., & Lohman, B. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence, 22*, 367-381. doi: 10.1007/s10896-007-9092-0.
- Leal, J., Sani, A., & Caridade, S. (2015). As competências emocionais em vítimas de violência conjugal: Da evidência científica à prática terapêutica. In A. Esteves, M A. Cunha, V. Sá, C. Silva, E. Panyik, S. Fernandes, F. Ponte, & D. Monteiro (Eds.). *Atas do Congresso Internacional Riscos e Criminalidade* (pp.113-124). Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Lewis, S., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21*, 106-127. doi: 10.1016/s0272-7358(99)00042-2.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationship self-reported prevalence and attitudes in Portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x.
- Machado, C., Gonçalves, M., Matos, M., & Dias, A. (2007). Child and partner maltreatment: Self-reported prevalence and attitudes in the North of Portugal. *Child Abuse & Neglect, 31*, 657-670. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.11.002
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*, 97-102.
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima)*. Lisboa, Portugal: Sersilito.

- Marcus, R. (2008). Fight-seeking motivation in dating partners with an aggressive relationship. *The Journal of Social Psychology, 148*, 261-276. doi: 10.3200/SOCP.148.3.261-276
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*, 55-75.
- Muñoz-Rivas, M., Gomez, J., O'Leary, K., & Lozano, P. (2007). Physical and psychological aggression in dating relationships in Spanish university students. *Psicothema, 19*, 102-109.
- O'Keefe, M. (2005). *Teen Dating violence: A review of risk factors and prevention efforts*. Retrieved from: [http://www.vawnet.org/DomesticViolence/Research/VAWnetDocs/AR\\_TeenDatingViolence.php](http://www.vawnet.org/DomesticViolence/Research/VAWnetDocs/AR_TeenDatingViolence.php).
- Oliveira, M. (2014). *Transmissão intergeracional da violência: o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças dos jovens* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Retrieved from <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/4295>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 5*, 243-272.
- Pico-Alfonso, M., Garcia-Linares, M., Celda-Navarro, B., Blasco-Ros, C., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2006). The impact of physical, psychological, and sexual intimate male partner violence on women's mental health: depressive symptoms, posttraumatic stress disorder, state anxiety, and suicide. *Journal of Women's Disorders, 15*, 599-611. doi: 10.1089/jwh.2006.15.599
- Ramírez, I. (2002, August). *Prevalence and chronicity of dating partner violence among a sample of Mexican male and female university students. Paper presented at the Victimization of Children and Youth: An International Research Conference, Portsmouth, NH.*
- Romito, P., & Grassi, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. *Social Science & Medicine, 65*, 1222-1234. doi: 10.1016/j.socscimed.2007.05.017.
- Rubio-Garay, F., López-González, M. A., Saúl, L. A., & Sánchez-Elvira-Paniagua, A. (2012). Direccionalidad y expresión de la violencia en las relaciones de noviazgo de los jóvenes. *Acción Psicológica, 9*, 61-70. doi:10.5944/ap.9-1-437.
- Sears, H. A., & Byers, E. A. (2010). Adolescent girls' and boys' experiences of psychologically, physically, and sexually aggressive behaviors in their dating relationships: co-occurrence and emotional reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19*, 517-539. doi: 10.1080/10926771.2010.495035.
- Shorey, R. C., Zucosky, H., Brasfield, H., Febres, J., Cornelius, T. L., Sage, C., & Stuart, G. L. (2012). Dating violence prevention programming: Directions for future interventions. *Aggression and Violent Behavior, 17*, 289-296. doi:10.1016/j.avb.2012.03.001.
- Simas, T. (2011). *Violência nas relações de intimidade: o impacto na saúde mental da vítima* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10*, 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552.

- Straus, M., & Sweet, S. (1992). Verbal/simbolic aggression in couples: Incidence rates and relationship to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.
- Sugarman, D., & Hotaling, G. (1989). Dating violence: Prevalence, context, and risk markers. In M. A. Pirog-Good & J. E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships. Emerging Social Issues* (pp. 3-32). New York, NY: Praeger Published.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19, 435-456. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358\(98\)00091-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00091-9)
- Windle, M., & Mrug, S. (2009). Cross-gender perpetration and victimization among early adolescents and associations with attitudes toward dating conflict. *Youth Adolescence*, 38, 429-439. doi:10.1007/s10964-008-9328-1